

VERSION PORTUGAISE ET COURT THÈME

I. VERSION

Os poetas novos

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Páscoa — justamente na semana em que ele regressara da sua viagem à África Austral. O meu conhecimento porém com esse homem admirável datava de Lisboa, do ano remoto de 1867. Foi no Verão desse ano, uma tarde, no Café Martinho, que encontrei, num número já amarrotado da *Revolução de Setembro* este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam.

Os temas («os motivos emocionais», como nós dizíamos em 1867) dessas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o título de *Lapidárias*, tinham logo para mim uma originalidade cativante e bem-vinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas de cenáculo, deslumbrados pelo lirismo épico da *Légende des Siècles* — «o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey» —, decidíamos abominar e combater a rijos brados o lirismo íntimo, que, enclausurado nas duas polegadas do coração, não compreendendo de entre todos os rumores do universo senão o rumor das saias de Elvira, tornava a poesia, sobretudo em Portugal, uma monótona e interminável confidência de glórias e martírios de amor. Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o mestre sem igual da *Légende des Siècles*, iam, numa universal simpatia, buscar motivos emocionais fora das limitadas palpitações do coração — à história, à lenda, aos costumes, às religiões, a tudo que através das idades, diversamente e unamente, revela e define o homem. Mas além disso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poético que me seduzia — o da modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da vida, da vida ambiente e costumada, tal como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das nossas, nos humildes destinos deslizando em torno de nós por penumbras humildes. [...]

Vítor Hugo, a quem chamávamos já «Papá Hugo» ou «Sr. Hugo Todo-Poderoso», não era para nós um astro — mas o Deus mesmo, inicial e imanente, de quem os astros recebiam a luz, o movimento e o ritmo. Aos seus pés, Leconte de Lisle e Baudelaire faziam duas constelações de adorável brilho; e o seu encontro fora para nós um deslumbramento e um amor! A mocidade de hoje, positiva e estreita, que pratica a política, estuda as cotações da bolsa e lê George Ohnet, mal pode compreender os santos entusiasmos com que nós recebíamos a iniciação dessa arte nova, que em França, nos começos do Segundo Império, surgira das ruínas do romantismo como sua derradeira encarnação, e que nos era trazida em poesia pelos versos de Leconte de Lisle, de Baudelaire, de Coppée, de Dierx, de Mallarmé e de outros menores.

J.M. Eça de Queirós,
A Correspondência de Fradique Mendes (1900),
Lisboa, Publicações Europa-América, s.d.

II. THÈME

Le quotidien d'un grand homme

27 mars (1875) —Edgar Quinet est mort ce matin à cinq heures. C'était une grande âme et un noble esprit. Sa veuve m'a envoyé un télégramme.

28 mars —Madame Versigny est venue de la part de Madame Quinet me demander de parler demain.

Monsieur Henri Buisson est venu, au nom de la gauche, me demander de parler demain.

Madier de Montjau est venu me demander d'affirmer demain la République.

30 mars —Hier, à l'enterrement de Quinet, une femme du peuple m'a crié : Ne mourez pas.

4 avril —Le soldat Blanc, pour qui je suis intervenu, ne mourra pas. Il a sa grâce. Il fera seulement dix ans de détention, sous surveillance de police à l'expiration de sa peine.

Victor Hugo, *Choses vues*, tome 3,
Paris, Ed. Rencontre, 1968.